

LEVI E O DIA DOS NAMORADOS

J. Stephen Land

Quando Levi Carpenter, à véspera do ano novo, em 1919, pediu Letitia (Letty) McCluskey em casamento, disse:

– Escolha um dia especial [para nosso enlace], para que me lembre dele sempre.

Ela escolheu 14 de fevereiro.

Naquele ano, de 1920, caiu trinta centímetros de neve em Fayetteville, Tennessee, no Dia dos Namorados. Letty disse para Levi:

– Vamos adiar o casamento por uma semana, para que todos os convidados possam vir.

Levi não concordou. Estava convencido de que o Dia dos Namorados era a data certa, com neve ou não. O casamento, ao qual só estavam presentes cinco pessoas, foi transferido apressadamente da igreja para o salão da casa ministerial.

O arranjo de flores, os refrescos e os trajes formais, devido ao fato de as estradas estarem intransitáveis, não chegaram e, portanto, foram deixados de lado. Todavia, como em um passe de mágica, Levi chegou com um buquê de rosas cor-de-rosa para a noiva. Quando indagado a respeito de onde conseguira as flores, respondeu que "tinha bons contatos". Mais de quarenta anos depois, contou-me (a mim, seu bisneto) que a mulher do ministro as apanhara em sua estufa de plantas.

Na ocasião em que cheguei ao mundo, Levi e sua esposa do Dia dos Namorados tinham mais de sessenta anos. Como eu não morava muito distante deles, via-os quase todo fim de semana. Eu sabia, portanto, que logo após o Dia dos Namorados, sem falta, um enorme buquê de rosas cor-de-rosa estaria sobre a mesa de mogno no vestíbulo. E isso não era tudo. Levi, perto do vaso, deixava, também, sua tentativa anual de artesanato: um grande floco de neve feito, com esmero, de papel cortado. Junto dele havia um bilhete: "para Letty, minha namorada nesses quarenta e quatro anos". As palavras não mudavam ano após ano, apenas o número de anos. Todavia, o desenho dos flocos de neve era sempre diferente.

Aos nove anos, descobri uma gaveta no armário de louças onde cada floco de neve de aniversário fora guardado, com amor e carinho, começando com o primeiro em que se lia: "para Letty, minha namorada de um ano inteiro". Levy, carpinteiro, considerado taciturno e nada emotivo, mostrava, uma vez por ano, seu coração para todos.

Certo dia, Levi fez-me sentar e, pacientemente, ensinou-me como dobrar e cortar os flocos de neve de papel. No entanto, após pouco tempo, minhas tentativas mostraram-se mais frustrantes do que artísticas. Meus esforços resultaram em coisas que mais pareciam ninhos de rato do que flocos de neve. Tive, até mesmo, dúvidas se meu bisavô queria realmente que eu aprendesse o segredo.

Ele parecia gostar de ser o único na família com pendor artístico. Sabia que Claude, seu irmão rico, havia levado a mulher ao Caribe, em uma excursão, no Dia dos Namorados e dera-lhe um colar de pérolas, a caminho de lá. Claude, entretanto, só podia comprar presentes. Levi sabia fazer flocos de neve, e cada um era uma lembrança de seu dia de núpcias e da moça com quem se casara.

No dia 14 de fevereiro, ninguém chegou a dizer-me: "Este é um grande dia para seus bisavós". Mas eu sabia que era. Só me lembro de tê-los visto beijar-se no Dia dos Namorados, quando meus pais e eu chegávamos, bem no momento em que Levi dava à esposa o floco de neve e as rosas.

Quando ela percebia que estávamos olhando, seu rosto ficava vermelho enquanto saía correndo da sala, dizendo: "Levi, seu atrevido!". Mas não convencia ninguém.

Alguns anos depois, Levi deu a Letty um floco de neve em que escrevera: "para Letty, minha namorada nestes 56 anos". Ninguém teve certeza se Letty vira esse último. Estava viva e consciente, mas sob tanta medicação que só pôde acenar com a cabeça, quando Levi levantou o floco de neve para mostrá-lo. Ele o colocou na mesa, ao lado da cama no hospital, junto ao vaso de rosas cor-de-rosa.

Levi tomou meu braço – fato raro – quando deixamos o quarto. Depois de dar alguns passos pelo corredor, ele disse: "Garoto, vá buscar aquele floco de neve. As enfermeiras ou faxineiras são bem capazes de jogá-lo junto com o lixo".

Recuperei o floco de neve, sabendo que Levi pretendia levá-lo para casa, colocá-lo no armário de louças, com os outros. Se Letty voltasse para casa, ele o mostraria a ela.

No Dia dos Namorados seguinte, Levi e eu fomos ao cemitério levando um buquê de rosas cor-de-rosa. A neve caía levemente, e ele removeu o manto branco que estava sobre as duas lápides. Colocou as rosas no vaso do túmulo e, depois, hesitou, voltando a repô-las no vaso de vidro em que as levava.. Ele disse:

– Isso é tolice, garoto. Não adianta deixar essas flores neste lugar, onde ninguém as verá.

Deu um suspiro fundo e falou:

– Ela as verá, onde quer que estejam. Vamos voltar em abril. Estou pensando em plantar uma roseira aqui, se a igreja não se importar.

– Rosas cor-de-rosa? – perguntei.

– Claro, o cor-de-rosa é uma cor bonita. Olhe, pegue estas flores e as coloque de novo no carro. – disse ele.

Peguei o vaso, tentando não olhar para seu rosto, sabendo que tentava reprimir uma lágrima e que seria ainda mais difícil, se ele soubesse, que estava observando. Sentei-me no carro, segurando o vaso de rosas. Depois, vi Levi tirar alguma coisa do bolso do casaco e colocá-la dentro do vaso de pedra. Parecia um pedaço de papel, mas eu não tinha certeza.

A neve começara a cair mais forte, e Levi voltou arrastando os pés.

– Acho, que desta vez, cairá uma nevasca bem grande. Vamos embora. – disse ele.

Eu sabia, que a única coisa, que ele não diria era exatamente aquilo que estava em sua mente. A nevasca, com certeza, o lembraria daquele dia, há cinquenta e sete anos. Aos quinze anos, eu ainda não havia experimentado um coração partido; mas sentado junto a meu bisavô, estava suficientemente perto para sentir o dele.

No ano seguinte, tirei carteira de motorista. Era a primeira vez em que ia ao cemitério da família sozinho. Não havia neve naquele Dia dos Namorados, apenas um frio cinzento, pesado.

A roseira que Levi e eu havíamos plantado, florescera com exuberância durante o verão. No entanto, parecia triste naquele dia, assim como o resto do cemitério. A data da morte de Levi fora gravada em sua lápide, quatro meses antes.

No Natal, meus pais colocaram algumas flores de seda no túmulo, e elas ainda estavam lá. E pensei, que estavam fora da estação agora.

Enquanto removia-as do vaso de pedra, algo chamou minha atenção. Quase invisível entre os seixos no fundo do vaso, vi uma pontinha de papel branco. De alguma forma, depois de um ano de neve, chuva e vento, o último floco de neve de Levi continuava intacto.

Apanhei-o, pensando em colocá-lo com os outros pertences de meus bisavós, no porão da casa de meus pais.

Mas o papel não era uma lembrança para mim. Era o presente de aniversário de Levi. Precisava ficar exatamente onde se encontrava.